

HERNÁNDEZ DÍAZ, José María; POZZER, Adecir y CECCHETTI, Elcio. (coords.). (2019). *Migración, interculturalidad y educación: impactos y desafíos*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 862 pp.

O livro *Migración, interculturalidad y educación: impactos y desafíos* é uma produção coletiva, organizada pelos professores doutores José María Hernández Díaz, da Universidade de Salamanca, Adecir Pozzer e Elcio Cecchetti, da Universidade Federal de Santa Catarina¹.

A obra é formada por um conjunto de reflexões, estudos e experiências interdisciplinares realizadas em distintos

¹ José María Hernández Díaz é doutor em Educação pela Universidad de Salamanca (1980). Atualmente é Catedrático de História da Educação na mesma instituição. Autor e coordenador de vários livros, projetos de pesquisa e teses de doutoramento. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Fundamentos da Educação. Adecir Pozzer é doutor e mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2020). Membro dos grupos de Pesquisa Ethos, Alteridade e Desenvolvimento (GPEAD/FURB), Hermenêuticas da Cultura, Mundo e Educação (PPGE/UFSC) e SUR Paidéia (Univ. de la República del Uruguay). Atua nas áreas de Educação e Ciências da Religião, com ênfase na: formação humana e de professores, interculturalidade, direitos humanos, hermenêutica contemporânea, pesquisa, práticas educativas, avaliação formativa, (de)colonialidade do saber, diversidade religiosa, ensino religioso. Elcio Cecchetti é doutor e mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente do Mestrado em Educação e coordenador do curso de Ciências da Religião (Licenciatura) da UNOCHAPECÓ. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Ethos, Alteridade e Desenvolvimento (GPEAD/FURB) e do Grupo de Pesquisa Desigualdades Sociais, Diversidades Socioculturais e Práticas Educativas (Unochapecó). Membro da Rede Sur Paidea e do Observatório do Ensino Médio em Santa Catarina (OEMESC). Coordenador Geral do Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (FONAPER). Possui várias produções na área da Educação, com ênfase em formação continuada de educadores, currículo, avaliação da aprendizagem, ensino religioso e interculturalidade.

territórios e instituições, por diferente investigadores e agentes sociais de países ibero-americanos, europeus e africanos, tendo a interculturalidade crítica, as migrações contemporâneas e seus impactos e desafios na educação como tema central.

Ela possui 862 páginas, divididas em quarenta artigos, organizados em seis partes/sessões (*apartados*), sendo eles: *Migración, interculturalidad y educación* (oito artigos), *Interculturalidad, derechos humanos y descolonialidad* (oito artigos), *Laicidad, educación intercultural y diversidad religiosa* (cinco artigos), *Migración, currículo y formación docente en clave intercultural* (nove artigos), *Territorios, sistema educativos y atención al migrante* (cinco artigos) e *Formación humana, identidades e interculturalidad* (cinco artigos).

Os autores destacam os desafios da sociedade atual, o fenômeno migratório, o papel da educação e da escola no atendimento aos imigrantes e refugiados e a perspectiva crítica da interculturalidade como um modelo para os processos educativos.

A sociedade atual enfrenta desafios complexos, entre eles estão a preservação dos ecossistemas, a convivência social e cultural pautada no respeito, dignidade e reconhecimento das diferenças. Como exemplo desses desafios está o crescente fluxo migratório, que gera preocupação devido ao grande número de mortes causadas pelos conflitos armados e as tentativas de travessia do mar mediterrâneo. Além da maneira como imigrantes e refugiados são tratados, marcados pela discriminação, desrespeito e pela violência física e moral.

A educação sofre impactos diretos da migração, pois é o local de encontros, estranhamentos e aprendizagens mútuas. Neste sentido, a escola tem se constituído como um espaço para formar cidadãos do mundo, solidários, sensíveis e capazes de desenvolver processos que busquem a

emancipação dos povos, a dignidade humana e da terra e o respeito às diferenças humanas e socioculturais. Ela se materializa como espaço de acolhida e integração de alunos imigrantes e refugiados de modo que se sintam seguros o suficiente para adaptar-se a outro contexto, na medida em que desenvolvem habilidades e saberes necessários para a comunicação, a interação e o desenvolvimento de aprendizagens. Os sistemas de ensino devem estar preparados para receber estes alunos, oferecendo condições estruturais, formativas e pedagógicas aos gestores e professores.

A perspectiva crítica da interculturalidade oferece elementos para uma revisão contínua dos modelos educativos homogeneizadores, que, em grande parte, desconsideram a riqueza do diverso, do plural e do distinto. Nesse sentido, a condição dos imigrantes e refugiados é uma oportunidade para repensar e resignificar a educação e seus pressupostos epistemológicos e metodológicos de maneira indissociável. Na realidade, isso ocorrerá na medida em que reconhecermos a humanidade intrínseca ao imigrante e ao refugiado.

Da problemática central do livro, a interculturalidade é que perpassa todos os seus artigos. Ela pode ser entendida como eixo central da obra, por ela e através dela amplas temáticas se encontram, como: a educação para pluralidade, a formação e a diversidade humana, a educação integral, religiosa, indígena, sexual, a formação de professores, os direitos humanos, a decolonialidade, a laicidade, a valorização de grupos subalternizados: indígenas, negros, imigrantes, mulheres, entre tantos outros.

Entre essas várias temáticas, podemos destacar: os fluxos migratórios do passado e da atualidade e como eles contribuíram e contribuem diretamente para a formação de sociedades cada vez mais multiculturais, que enfrentam enormes desafios,

entre eles a construção de relações sociais, culturais e econômicas mais harmônicas, inclusivas e respeitadas. Nesse sentido, a pedagogia social, a educação, o domínio da língua local e o efetivo acolhimento aos imigrantes e refugiados são elementos centrais à formação de sujeitos críticos, éticos e políticos que dialoguem, questionem e problematizem concepções, realidades e modos de viver.

Destaca-se que a interculturalidade e a imigração constituem-se em uma problemática global com enorme complexidade histórica, política e conceitual. Com especial atenção para a América Latina que, devido ao seu processo histórico de ocupação e colonização, necessita de uma agenda educacional intercultural que leve em conta seu contexto migratório e que rompa com a visão do colonialismo hegemônico.

A formação intercultural pode contribuir para o processo de decolonialidade e para o fortalecimento da autonomia dos povos latinos americanos, imigrantes e/ou indígenas. A exemplo disso, os autores trazem os indígenas de Roraima que no início do processo de escolarização (1775) vivenciaram a imposição do modelo colonizador europeu via Missões Carmelitas e Jesuítas. Foi somente, a partir do final dos anos 1970, que começaram as primeiras experiências de educação e de formação inicial e continuada de professores indígenas buscando valorizar a cultura dos povos nativos. A educação escolar indígena reconhece a educação como um instrumento de luta e valorização da cultura.

A educação, em todos os seus desdobramentos, é parte essencial à construção de uma sociedade multicultural e no processo de decolonialidade. A abordagem decolonial e intercultural como forma de fazer ciência, de produzir conhecimento histórico-educacionais que valorizam as múltiplas formas de ser, saber, fazer e as experiências vividas, reconhecendo o poder de fala, autoridade, representatividade

e legitimidade dos povos historicamente subalternizados, como os povos indígenas.

Outra questão destacada no livro é a laicidade e a diversidade religiosa. Historicamente as sociedades se caracterizam por uma vasta diversidade religiosa construída por interações, imposições e hibridismos e que exige atenção e esforços no sentido de combater preconceitos, indiferenças, intolerâncias e violências. No Brasil, o poder político esteve por muito tempo diretamente ligado ao poder religioso fazendo com que o catolicismo fosse a vertente religiosa predominante sobre diversos aspectos da sociedade. Juridicamente a laicidade se tornou oficial na Constituição Republicana de 1891, porém, na prática ela ainda tem um longo caminho a percorrer até se firmar como tal.

Os autores afirmam que a laicidade se assenta no ideal de igualdade de tratamento e na liberdade de consciência das pessoas, o que implica um Estado independente frente às tradições religiosas, capaz de agir com imparcialidade na gestão das políticas públicas. Sua função é encontrar o equilíbrio entre o respeito à diversidade religiosa e o tratamento igualitário a todos os cidadãos. O Estado laico não pode ficar refém de crenças e convicções exclusivas, deve respeitar e garantir direitos e liberdades historicamente almejadas e parcialmente conquistadas. Desta forma, o estudo das religiões nas escolas, desde uma perspectiva laica, oportuniza aos estudantes uma formação voltada ao pleno reconhecimento dos direitos humanos fundamentais, contribui para a socialização dos conhecimentos produzidos pela humanidade e a superação das desigualdades sociais.

A obra apresenta, também, reflexões sobre os diversos contextos políticos, sociais, econômicos e culturais, sobre educação sexual, relatos de acolhimento com imigrantes por meio de teatro, dança, turismo consciente e cinema. Um exemplo é

a análise do filme *Pantera Negra*, traçada por um dos textos, em que o cinema é tratado como um espaço de conhecimento e reconhecimento das culturas em perspectivas interculturais.

Ao longo da história, os povos europeus colonizadores impuseram sua cultura sobre os povos colonizados, através da violência física, cultural e psicológica. Neste período a educação/escolarização era uma das formas mais eficazes de dominação/manipulação. Aos povos indígenas, seja na América portuguesa ou na América espanhola, ensinou-se que a cultura europeia era a única «correta». O cristianismo era imposto como um sinônimo de civilização e, conseqüentemente, a cultura nativa, seus costumes, religiosidade e línguas, foi sendo menosprezada e reprimida. Junto a isso, séculos de exploração, escravidão e dominação territorial contribuíram para a construção de processos de exclusão e de inúmeros conflitos bélicos e culturais. A sociedade atual é fruto desse processo histórico e enfrenta o desafio de conhecer a própria história para então construir um novo capítulo, mas humano, que respeite e valorize as diferenças (culturais, sociais, econômicas e ideológicas) como elemento de união entre os povos. Enfim, que busquem efetivar a interculturalidade nas vivências e práticas sociais diárias.

Por fim, *Migración, interculturalidad y educación: impactos y desafíos* é uma obra extremamente rica e complexa, de caráter acadêmico, transversal, interdisciplinar e intercultural. Possui linguagem clara e objetiva. Seus autores apresentam importantes reflexões sobre a formação histórica das sociedades; as migrações no passado e no presente; a função da educação e da escola no acolhimento e no desenvolvimento da aprendizagem das crianças e jovens imigrantes; a laicidade e necessidade do estudo das religiões os desafios para construção de uma sociedade

mais igualitária, intercultural, diminuindo os preconceitos e efetivando os direitos humanos.

O livro contribui significativamente para reflexões e questionamentos sobre o longo e necessário caminho que as so-

iedades atuais têm de construir em uma perspectiva intercultural. É uma obra indicada a acadêmicos, estudiosos e a todos que buscam conhecer a própria história.

SILVANIA DE QUEIRÓZ PELUCK¹

¹ Doutora em História pela Universidade de Passo Fundo/RS/Brasil. E-mail: silhistoriao4@gmail.com.